

A propósito do Centenário do Dr. Tomaz Pompeu de Souza Brasil

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

O ENCONTRO DE DUAS GERAÇÕES

Em março de 1934, um estudante de agronomia, preocupado em realizar alguma pesquisa, foi encontrar, revolvendo escassas bibliotecas, perdido entre volumes de literatura, um livro, cuja substância continha a terra cearense, condensada em seus múltiplos aspectos de natureza e de vida.

Era um massivo volume de 726 páginas, impresso em 1909, na Tipo-litografia a vapor da Rua Barão do Rio Branco, em Fortaleza. Trazia o título de "O Ceará no Comêço do século XX", e o seu autor fôra Tomaz Pompeu de Sousa Brasil.

O estudante não se interessou logo por saber algo da personalidade do escritor. Os seus olhos mergulharam nas densas páginas onde a sua província fôra embalada, catalogados os elementos da época para os estudiosos da posteridade.

Ali estava a parte física — litoral, serras e sertões, com os seus acidentes característicos, a configuração e relêvo do solo, hidrografia e constituição geológica — a flora e a fauna, fósseis e minérios. Ali documentara o autor o seu conhecimento com todo um acêrvo de informações referentes às condições meteorológicas da terra das sêcas, os melos de combate às crises climáticas, idéias, conceitos e planos de abalisados cientistas, todos os dados, enfim, do problema em equação, no tempo em que êle viveu.

Era um marco notório, pelo tamanho, pela importância e grandeza da obra, a assinalar o ponto de partida de onde um mestre levantara a poligonal dos seus conhecimentos sôbre a terra natal; um marco fincado há 26 anos, mas já desconhecido e olvidado, perdido na floresta sombria do esquecimento. Rara a biblioteca que o possuía. Raro o catálogo que a êle fazia referência. E as livrarias nem mais sabiam informar sôbre a sua existência...

Êste foi o meu encontro com Tomaz Pompeu de Sousa Brasil através de um dos seus livros monumentais.

A minha geração, a inquieta e atormentada geração dos que nasceram após

primeira década do século XX, erguia-se desencantada contra as sabujas primícias da revolução de 1930, lançando-se à perigosa aventura das rebeldias frustradas. Só as ideologias da direita e da esquerda conseguiram arrancar os moços do torpor, da descrença, pois, em muitos, os ideais de nacionalismo, as preocupações de amor à terra, os sonhos da liberdade, a rebeldia cívica ingênita foram criminosamente apagados no coração.

Já não víamos uma Fortaleza de academias literárias, movimentada por estudiosos. Crescia aos nossos olhos uma "urbs" de classe média, em que todos se acotovelavam na insana luta pela vida. O pequeno saldo do tempo, alguns empregavam nos limitados rascunhos de sua especialidade, outros no descanso, e os demais o afogavam no prazer adverso das inovações esportivas.

Para um colegial, um acadêmico, e mesmo para alguns estudiosos, quem seria êsse Tomaz Pompeu de Sousa Brasil?

Esta pergunta, que vai pelos ares, muitos estarão fazendo no dia em que o Ceará comemora o centenário do eminente escritor, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. É que grande foi para nós o seu exemplo, e o seu nome é uma glória da Terra da Luz. Aquêles que o não conhecem, nêstes dias de rompimento com tradição, diremos:

O Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil foi um sol das nossas letras. Foi Presidente do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras e do Centro Industrial de Fortaleza, lente da extinta Escola Militar do Ceará, professor, fundador e diretor da Faculdade de Direito do Ceará, professor do Liceu e da Escola Normal, Diretor da Instrução Pública, Vice-Presidente e administrador de sua Província e deputado à Assembleia Geral em três legislaturas; foi sócio dos Institutos Históricos e Geográficos de Lisboa, da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e muitos outros. Copiosa, resplandecente e clássica é a sua obra de escritor, mestre, jornalista e pensador, inteiramente devotado aos problemas do Ceará.

A sua estirpe já possui uma história, e de tal modo fecunda que, no chão da Província, ninguém poderá sondar a cultura, sem tocar-lhe os fragmentos de mármore e granito; nem lançar em edifícios novos vigamentos, sem que os mesmos se apoiem, ora aqui, ora ali, nas velhas fontes, colunas fundamentais dos estudos cearenses — seu conhecimento. É que o seu pensamento lateja, estrelando tôda a imprensa do Ceará, livros, jornais, revistas, desde a segunda metade do século 19 ao primeiro quartel do século 20.

Se pudéssemos reunir hoje tudo quanto êle escreveu e pensou, todo um salão seria pequeno para conter os volumes e páginas que guardam, para sempre, o rastro luminoso de um profeta das letras, cujo estudo não se tentou entre nós fazer mais intensamente, nestes tempos ingremes e de mutação degenerativa de valores, em que o espírito se acabrunha e se esconde, porque a sociedade não mais lê, e o povo não quer pensar, pois, como dizia o poeta, a Pátria está metida

"No gôzo da cobiça e na rudeza

De uma austera, apagada e vil tristeza..." (1)

TRAÇOS BIOGRÁFICOS E PRIMEIROS PASSOS DO LUTADOR

Nasceu Tomaz Pompeu de Sousa Brasil em Fortaleza, a 30 de junho de 1852. Era filho do Senador Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, o mais notável geógrafo do seu tempo, como acentua Clóvis Beviláqua. A linhagem paterna é de autêntica estirpe rural; descende de abastados fazendeiros dos sertões de Santa Quitéria e Sobral, que sofreram fortes abalos com as secas.

Se os fatores ecológicos impõem ao espírito a condição de lutar, os fatores genéticos, que deram ao indivíduo aquela aptidão natural para os estudos de geografia humana e política econômica, afixaram-se admiravelmente para nele formar a fibra do intelectual cearense. Nesta análise, não podemos deixar de lado a herança biológica, nem tão pouco desprezar aquela não menos importante herança da cultura. Veremos que o filho foi um continuador do pai, a pregar constantemente que o meio deve ser conquistado pela inteligência e domado pelo homem.

Em 1864, iniciou os estudos no Ateneu Cearense, onde teve por contemporâneo o Barão de Studart e de onde salu um grupo de rapazes cuja mentalidade veio constituir mais tarde o período áureo mental do Ceará. (2) Mais ou menos do seu tempo foram Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Paula Nel, Domingos Olímpio, e mais tarde Clóvis Beviláqua, Farias Brito, Oto de Alencar e muitos outros.

Em 1865 segue para o Rio de Janeiro, cursa inicialmente preparatórios no colégio dos Padres Jesuítas em Rio Comprido e transfere-se depois para o Ateneu Fluminense. Teve aí como companheiro de banca Silvio Romero e também Aarão Reis, mais tarde professor da Escola Politécnica.

Aos 14 anos já se distinguia especialmente em geografia e filosofia. Segue para Recife em 1867 e matricula-se na Faculdade de Direito, onde se pôs em contacto com as idéias filosóficas e científicas que encerravam o ciclo do romantismo e rasgavam nos horizontes nacionais o claro das concepções positivas da vida e do mundo.

O austero e rijo sistema de educação em internato tornara-o um pouco tímido e sem expansibilidade. Todavia, a partir de 1869, escreve correspondências literárias para "O Cearense", jornal dirigido em Fortaleza por seu pai, o Senador Pompeu. Em 1872 conclui o curso jurídico e volta para o Ceará.

ATIVIDADES NO JORNALISMO

Foi o jornalismo a primeira atividade de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Muito concorreu para isto a posição assumida por seu pai, o Senador Pompeu, chefe do Partido Liberal na Província. Este talentoso lutador, bacharel em direito, acumulara uma sólida cultura na Academia e no Seminário de Olinda, e com rara habilidade, empolgou o meio político e social de sua terra.

Ao lado de seu pai, a quem adorava de coração, o novo Tomaz Pompeu, juntando-se a José Pompeu e a João Brígido, assumiu a redação de "O Cearense",

Órgão do partido, e logo passou a dirigir o jornal até 1881, quando, com o Dr. Nogueira Acióli, fundou a "Gazeta do Norte".

O mundo era a província e a província era a tradição. O jornalista precisava não só conhecer as instituições e história do seu país, mas os acontecimentos partidários, próximos ou remotos a que os adversários sempre recorriam para mostrar as incoerências que enfraqueciam a defesa das arguições. (3)

Sucedia que os partidos monárquicos, arrimando-se nos firmes e leais caracteres de nobreza rural, timbravam em demonstrar o desprendimento e o patriotismo dos seus correligionários, quer no poder, quer fora dêste. (4).

Na imprensa, Pompeu foi um orientador político e um educador de elites. Investigava para ensinar. Tratava os fatos com elevação de linguagem e de vistas. Insulava-se das tricas partidárias e, da torre de marfim do seu ideal, ditava o seu pensamento.

"As letras exerciam então sôbre mim, (confessa por ocasião de seu jubileu literário), uma irresistível atração, e para manter o pòsto no qual a confiança do partido me colocara, não poupei sacrifícios por adquirir, no estudo e observação dos fatos, as armas precisas para conservá-lo com dignidade e honra". (5).

Foi assim que, como jornalista se entregou ao minucioso estudo da história administrativa do Ceará. Subiu a corrente e se tornou um profundo conhecedor de todos os problemas de sua terra: instrução, comércio, indústria, agricultura e higiene pública. Mais tarde veremos que, de sua pena, saíram importantes relatórios e mensagens de Presidentes da Província, como do dr. José Júlio, Des. Estelita, do Senador Leão Veloso, do Des. Barradas, Caio Prado e sobretudo os do dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli, seu grande amigo.

Tendo surgido em 1874 a questão religiosa entre os Bispos e a Maçonaria, Pompeu entrou para a Loja Fraternidade, fundando um jornal semanário, em que procurou defender a causa maçônica. Nêste novo órgão da imprensa, simplesmente doutrinário, teve como companheiros João Brígido e João Câmara. Divulgou então as mais avançadas doutrinas sôbre religião, cristianismo, pregou o positivismo e discutiu sôbre evolucionismo. Reúne os contemporâneos do Ateneu e convida-os a colaborar na "Fraternidade"; divulga as idéias reformistas do livre pensamento, investindo contra a "Tribuna Católica", dirigida pelo Padre José Lourenço, que foi depois Bispo do Amazonas. Dir-se-ia que veio do Recife trazendo o facho em chamas da revolução liberal, para atear o fogo do pensamento naquela bucólica Fortaleza que se tornou vanguarda da renovação dos valores mentais.

O NINHO DAS ÁGUIAS

A Escola Popular, fundada em 1874 e destinada a operários, assinala, segundo Soriano de Albuquerque, o período mais pujante da vida mental cearense em seus primórdios. Tornou-se com Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Tomaz Pompeu, Araripe Júnior, João Lopes e outros, centro de estudos e doutrinação,

e foi o ninho das águias no Ceará. Pompeu inaugurou na Escola o curso de história universal com uma erudita e magistral conferência. Pontificara com a "calma do pensador, saído do silêncio do gabinete para a tribuna ruidosa do ensino popular". (6). Relatando as reuniões do grupo, assim se expressou Capistrano:

"Grande foi a influência da Escola Popular, não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense em geral, por intermédio de conferências ali feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excelência. Maior ainda foi a influência da escola sobre espíritos audazes e juvenis que congregou, reuniu e fecundou uns pelos outros... Quanta iluzão! Quanta força! Quanta mocidade! — França Leite advogada os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Systheme Politique* era o complemento do "Cours de Philosophie". — Melo descrevia a anatomia do cérebro com a exatidão do sábio e o estro do poeta. — Pompeu Filho dissertava sobre a filosofia alemã e sobre a Índia, citava Laurent e combatia Taine. — Varela, o garboso, abnegado paladino, enristava lanças a favor do racionalismo..."

Esta foi a gênese do pensador, que em toda a sua vida ele o foi, tornando-se também um receptor e divulgador das idéias científicas e filosóficas do mundo europeu com que estava em dia, recebendo os livros e revistas mais recentes. "Poderosa inteligência, blindada por fortes estudos, chamou-o Clóvis Bevilacqua..."

CARACTERÍSTICAS DO PENSADOR

Foi uma figura de pensador e de erudito a de Tomaz Pompeu, assim o definiu José Sombra.

Também falando da Escola Popular e dos primeiros arrojados juvenis, o próprio Tomaz Pompeu nos dá a conhecer as nascentes de suas idéias, o ponto de partida do seu pensamento: "Fôramos talvez, diz êle, os pioneiros da doutrina positivista e da filosofia evolucionista no norte do Brasil. Cada um de nós lia e tomava nota de uma obra de Comte, Darwin, Spencer ou Littré, os autores mais autorizados da época, e reunidos, expunhamos o resultado dessa leitura, submetendo-o à crítica e análise dos demais... Dir-se-ia que ali estavam universitários alemães a controverterem os mais árduos problemas científicos ou filosóficos... O romance e a poesia contavam medíocre acolhimento entre nós... Nossa atividade de cientistas em flôr, exagerada pela polêmica religiosa e filosófica, desdenhava a sentimentalidade um tanto feminina que amolenta as faculdades afetivas..." (7).

Um soldado do comtismo ao lado de Rocha Lima, eis o que êle foi nos verdes anos. Mas, logo, não satisfeito com o positivismo limitado e dogmático, estendeu-se para os dissidentes ingleses, Stuart Mill e Spencer, para o cético-sensualista Taine e para Renan, os quais, na opinião de Sombra, constituíram, daí por diante, os seus orientadores definitivos. (8).

Admirava o idealismo alemão e por isso não renegou o hegelianismo, que êle procurou conciliar com o comtismo, a exemplo do que fizera Taine. (8) Fugiu de

tudo ao sobrenatural, abraçando-se à metafísica experimental e materialista.

José Sombra tentou conceituá-lo nesta admirável síntese:

"Uma concepção do mundo limitada ao lado sensorial e experimental, uma dúvida sistemática quanto aos problemas de origem, uma estranha aversão por todas as doutrinas místicas, um ceticismo não filosófico, mas científico, quando a ciência com esforço de conjunto procura dar uma explicação do mundo fenomênico, foram essas, parece-nos, as idéias cardeais de Tomaz Pompeu..." (9)

Para Farias Brito, "foi êle o que verdadeiramente se pode chamar um espirito positivo, um homem prático. "É que, cético em filosofia, pessimista em religião, o Dr. Tomaz Pompeu encontrou na ciência o terreno próprio para a sua atividade mental, ao abrigo das dúvidas mortificantes que trazem o espirito moderno em estado de constantes vacilações; mas, se há para estas dificuldades algum remédio, êste só pode ser encontrado na ciência mesma". (10)

É preciso conhecer a história da filosofia e da ciência, já no fim do século 19, século em que tantas concepções foram atacadas ou destruídas, para compreender, nos escritos do nosso pensador, o caminho por êle percorrido. No fim do século passado, a filosofia refletia a confusão das ciências. Como acentua E. M. Burns, "a revolução determinada na física pelas descobertas relativas a estrutura da matéria, deu azo a que muitos pensadores perdessem a confiança no otimismo de Spencer e no universo mecanicista de Haeckel". (11) Surge a natural reação contra o mecanicismo e o materialismo. Os que não abandonaram as suas formas de pensamento, adotaram atitudes de ceticismo ou de indiferença. Alguns refugiaram-se na adoração da beleza, aliando-se também ao pragmatismo.

O espirito de Pompeu não escapou totalmente a esta deflexão. Parece que é na escola experimental que êle deve ser classificado, assim entendeu Farias Brito, sendo que, acostando-se aos utilitaristas ingleses. (12)

"Exaltado na mocidade em desfavor das doutrinas sobrenaturais, (está escrito nos apontamentos por êle deixados e entregues ao Barão de Studart por sua família), modificou-se depois de suas viagens a Europa, ao percorrer as obras de arte dos grandes museus, nos quais viu o gênio artístico reproduzindo na tela e no mármore as cenas mais expressivas do cristianismo". O belo exercera tal influência no espirito de Th. Pompeu que, sem abjurar os seus princípios, tornou-se tolerante e até admirador do clero. Noticiando a sua morte, o jornal católico "O Nordeste" assim se expressava: "O Dr. Tomaz Pompeu, mesmo distanciado do rochedo firme da Igreja, em que se pisa um chão que não vacila, rendia, a cada passo, tributo da sua maior admiração ao vigamento indestrutível dêsse grande monumento, cuja architectura divina é incomportável dentro das possibilidades meramente humanas". (13)

UM SACERDOTE DA CIÊNCIA

A função do magistério êle a exerceu, vindo da tribuna e da imprensa

para as lides da escola. Da imprensa à cátedra professoral, operou-se, diz o mestre, uma transição lógica e quase forçada.

Disputou em memoráveis concursos a cadeira de geografia, do Liceu do Ceará. Vencendo brilhantemente o primeiro, não foi nomeado porque a Assembléia Provincial suprimiu o cargo. Em 1876 submeteu-se ao segundo, vencendo o seu concorrente que era amigo da situação. Naquele tempo, cada candidato podia interrogar o seu competidor durante 50 a 60 minutos.

Na arguição, foi tão clara a superioridade de Pompeu, que o mesmo se retirou sob delirantes vivas e palmas da assistência, o que forçou o Desembargador Farias Lemos, então Presidente da Província, a nomeá-lo imediatamente. Mais tarde, foi também nomeado professor da Escola Militar.

No desempenho de sua missão, portou-se com idealismo, honrando a cátedra com a sua erudição e cultura.

"O professor, dizia, é um sacerdote da ciência, é um aluno que nunca julga bem aprendida a sua lição, e para aperfeiçoá-la não mede sacrifícios, nem poupa lazeres. Mas, além do simples ensino, ele é o iniciador de princípios éticos ou de normas de proceder que guiam a mocidade pelo caminho do dever". (10)

Oportuna e bela lição que deveria ser gravada com caracteres indelévels na alma do professor!

Devemos salientar que, no ensino da geografia, foi Tomaz Pompeu o primeiro intelectual que reagiu contra os antiquados métodos do ensino desta ciência no Ceará, publicando em 1894 as suas lições de Geografia Geral, a sua melhor obra, segundo Pompeu Sobrinho. É um trabalho magistral, em volume de 650 páginas. Este novo livro, pondo em relêvo a importância antropogeográfica do ensino da disciplina, abriu novos horizontes. Por isso, assevera a autoridade citada que do Ceará partiu a racionalização da geografia no Brasil. Tomaz Pompeu, utilizando modernos métodos no Liceu e na Escola Militar do Ceará, sagrou-se o pioneiro dessa racionalização. (15)

Mas o mestre palmilhou outros caminhos da sabedoria.

A 21 de fevereiro de 1903 fundava com Nogueira Acióli e outros a Faculdade de Direito do Ceará. No ano seguinte, assume a diretoria do estabelecimento. Traça regulamentos, escreve relatórios e memórias que são ainda hoje segredos surpreendentes de sua obra. Assim é a "Memória Histórica sobre a Faculdade de Direito do Ceará", contendo pesquisas e normas de metodologia das ciências jurídicas e sociais, num alentado volume 414 páginas.

Numa sequência de trabalhos sem treguas, publica em 1916 o seu "Direito Público Constitucional" com 317 páginas, o primeiro livro didático da Faculdade. Seguem-se outros, como "Lições de Direito Internacional Público", "Lições de Economia Política", além da "Monografia sobre o ensino superior no Brasil" e muitos outros que seria enfadonho mencionar.

Não procuremos o mestre entre criadores de escolas, de teorias ou sistemas. Ele não foi um inovador, um criador de proselitismo.

Abelardo Montenegro, em seu recente livro sobre Soriano de Albuquerque,

ensaio substancioso e de penetração, viu em Tomaz Pompeu, "Um recluso que vivia no meio de centenas de livros... Caracterizava-se com vasta erudição que corria parêlhas com Rui Barbosa... Não se distinguiu como espírito criador".

Não há demérito por isso em sua obra. Não o analisemos com óculos escuros. É preciso ver que o mestre existe e está mesmo, *ipso facto*, nesta obra maciça e incedível de erudição. Galgara a montanha do século 19 e vinha carregado inteirinho dos seus frutos, sempre preocupado com a formação das elites intelectuais. Por isso, apanha os conhecimentos na generalidade ou acumula os fragmentos dispersos. O século 19 foi o século da análise...

Quanto ao espírito criador, esta figura não passa, entre nós, do domínio das conjecturas.

A criação é uma particularidade do espírito humano, é uma exceção que nem sempre caminha com a realidade...

As citações... Ora, as citações, os informes úteis no corpo da obra, eram uma necessidade. Não tinhamos livros; ele era a enciclopédia. A sua tarefa de pesquisador, sobraçando os fatos apanhados num meio virgem, requeria que ele expusesse aos seus contemporâneos o "status quaestionis", o panorama do problema face ao mundo científico. Não tinhamos como não temos ainda hoje bibliotecas. Para documentar e instruir, para ser honesto e útil enfim, a citação era um começo de tudo...

Quem, por exemplo, abrir o livro "O Ceará no começo do século XX", encontrará raridades como o capítulo sobre a Flora do Ceará, de Freire Alemão, as indicações de J. Huber sobre as plantas vasculares; as opiniões de Orville Derby sobre o regime das chuvas; os relatórios de J. Revy e O' Meara sobre a irrigação do Vale do Jaguaribe, bem como os estudos e opiniões de sábios eminentes nacionais e estrangeiros sobre a influência das manchas solares.

Ainda há pouco, J. Sampalo Ferraz tratando da influência das manchas solares no fenômeno das secas, deu a conhecer algumas indicações empíricas da iminência de uma grande seca no Nordeste, conforme observações científicas atualizadas. O fenômeno, como vemos, preocupara a Tomaz Pompeu, cuja autoridade no tocante a observações das secas, datas e fatos, vem citada por aquele eminente meteorologista nacional.

PIONEIRO DOS ESTUDOS DE ECONOMIA E DE POLÍTICA ECONÔMICA E SOCIAL DO NORDESTE, SETOR CEARENSE.

Mas, continuam ainda a murmurar os nossos críticos impenitentes, Tomaz Pompeu foi simplesmente um erudito, não foi um criador...

Direi simplesmente que ele fez muito mais do que os indigitados criadores, seus contemporâneos: fez bronze e mármore — fez obra de consulta para a posteridade! Como situá-lo no quadro desses varões imortais, "exploradores incompreendidos da mina da verdade"? (16).

Tomaz Pompeu de Sousa Brasil foi um legítimo e bravo pioneiro dos estudos de economia rural e política econômica e social do Nordeste, compreen-

dendo o setor cearense. Assim quis êle ser considerado, quando, no inemorável discurso de seu jubileu literário, agradecia as homenagens da Faculdade de Direito do Ceará:

"..... Procurei tirar dos meus estudos o que julguei útil e proveitoso à terra natal. Foi para ela que convergira o melhor de minha atividade mental, ao escrever artigos de jornal, monografias e livros que não fatigaram nem esmoreceram o amor filial, o afã de lhe pagar a generosidade com que me há conservado. Bem sei que minha contribuição há sido minguada, e não corresponde ao desejo de concorrer para apressar o papel grandioso que as condições naturais de seu clima e o modelado topográfico do seu sólo lhe garantem em futuro mais próximo do que se supõe". (17)

Refere um dos seus biógrafos que êle foi talvez o mais trabalhador dos homens de letras do Ceará, trabalhando treze a quatorze horas por dia, sem enfado e sem constrangimento.

Entre as suas obras notáveis aí estão ainda dispersos pelo descaso de administradores de bibliotecas: "Comércio e Indústria no Ceará", "Vantagens dos trabalhos de irrigação no Ceará", "O Ceará na Exposição de Chicago", precioso estudo do sólo, clima, condições econômicas e morais do Ceará em 1892; "As vantagens da irrigação por meio da barragem do boqueirão de Lavras"; "Importância da vida humana como fator da riqueza" em que, em alentada pesquisa, estudou o desenvolvimento da população de Fortaleza, sua natalidade e mortalidade, até as proximidades de 1896 — é trabalho imprescindível a todo aquêlo que desejar conhecer o problema entre nós. Um outro notável estudo é a sua monografia lida perante a Academia Cearense de Letras e publicada em 1897, "Análise dos diferentes sistemas de esgôto" — estudo que, como muitos outros, nos faz lembrar o que disse Farias Brito a respeito de Tomaz Pompeu: "escrevia para engenheiros, advogados, médicos e estadistas". Uma continuação admirável do precedente estudo é aquêlo que trata "dos efeitos benéficos das medidas higiênicas" publicado em 1897, trabalho que nos dá a conhecer a sua preocupação no seculo passado em relação a um problema hoje completamente descurado, nesta angustiada Fortaleza de meio século XX.

Seguem-se outros estudos de pesquisa, revelando um substancioso acervo de dados e elementos preciosos: "Irrigações no Ceará", "Memória sôbre a cultura da cana de açúcar no Ceará", "O problema das sêcas no Ceará", "Prolongamento da estrada de ferro de Baturité", "O Ceará no centenário da Independência", em dois grandes volumes, com 1304 páginas impressas, compendiando tudo o que se refere aos aspectos físico, econômico e administrativo do Ceará até o ano de 1922, livro organizado com a colaboração de Pompeu Sobrinho, Antônio Sales e Heribaldo Costa.

Não falaremos de sua "história política e administrativa do Ceará", conservada inédita, nem de uma outra extensa obra também inédita, "Antologia Universal", em 10 volumes *in folio*, datilografados.

Não insistiremos porém em abusar da vossa paciência, citando muitos e muitos outros trabalhos, relatórios, mensagens de caráter público e particular.

Mas era nosso dever, fazer desfilar ante os vossos olhos a galeria de um rico tesouro, que o tempo, ante o alheamento de nossas preocupações, levou à vala do esquecimento.

O que mais admira em tudo isso é que Pompeu não foi apenas um homem de pensamento, um escritor. Jornalista e depois professor, deputado, vice-presidente e administrador de sua Província, metódico ao exagêro, soube dividir e empregar o tempo de tal modo que, ninguém melhor que êle no Ceará aliou à vida intelectual a ação. Teve uma vida de sonho, mas, com ciência e experiência, dedicando-se mais tarde ao comércio e à indústria, de que foi também um ploneiro entre nós.

Em uma carta inédita, dirigida a Afonso Celso, em março de 1903, assim se expressa:

“Afonso, meu velho amigo:

..... “Não deixei as letras; e hoje, como 20 a 30 anos atrás, sou o mesmo devorador de livros. Tenho escrito sôbre o que mais de perto podia interessar a terra de meu berço — sêcas, irrigação, culturas, criação, etc. e incidentemente sôbre questões econômicas e de filosofia política. O meu melhor esforço é hoje para a indústria e o comércio. Nestes últimos seis a oito anos, tenho sido Presidente do Banco do Ceará, Presidente da Companhia Ferro Carril do Outeiro, Presidente da Associação Comercial, e de assembléas gerais de outras sociedades, Diretor-proprietário de uma fábrica de redes etc., cargos que exerço simultaneamente e que me ocupam todas as horas disponíveis do trabalho”. (18)

Não me é possível dar a conhecer de relance todas as facetas do seu pensamento polimorfo, o que exigiria estudos particularizados.

Em matéria de obras contra as sêcas é partidário da construção dos grandes acudes, com capacidade para resistirem à evaporação anual e às sêcas, proporcionando a milhares de hectares, de excelentes terras, a umidade necessária. “A dispersão dos recursos orçamentários em pequenas obras, em açudes minúsculos que a evaporação anual põe a séco ou reduz a insignificante massa d’água, em poços custosos que não irrigam sequer 3 a 4 hectares de terra, é mais do que um desacerto por importar em obstinação crinincsa contra a evidência dos fatos”. (19)

Bateu-se por aquela ação metódica dos poderes públicos, abarcando empreendimentos, só maduramente estudados. Viu a necessidade de fazer acompanhar as nossas estradas de penetração dos agentes do fomento da produção rural. Sem a renda da terra, o capital que alenta as indústrias haveria de retirar-se, deixando abandonada e inculta toda a zona nordeste brasileira. Foi um profeta do que está acontecendo em nossos dias, com a restrição de crédito financeiro ao particular. É que não aprendemos a sua lição de estudo e planificação científica dos problemas regionais.

Ensinava Pompeu a excelência do *homo faber*: o povo mais poderoso seria o que dispuzesse de mais saber no trabalho. A escola devia começar por ser útil e prática, ascendendo das noções rudimentares do alfabeto ao pórtico das multiplas profissões que aproveitam a atividade individual. Nas cidades deveríamos ter o

ensino inspirado no utilitarismo industrial e comercial; no interior, a educação voltar-se-la para a lavoura e a criação. (20)

Quando, no apagar das luzes do Império, ocupou em breves momentos a Presidência do Ceará, reformou a instrução pública e as secretarias, tomou proveitosas medidas econômicas e lançou as suas vistas para a seca que assolava o Nordeste.

PROJETO DE ESTUDOS NA ACADEMIA DE LETRAS

Na Academia Cearense de Letras de que foi Presidente, pontificou ainda como um sacerdote da ciência, voltado para os problemas de sua terra natal. Abra-se a "História da Literatura do Ceará", em que Dolor Barreira deu a conhecer a eficiência da Academia, e leremos a preocupação de Tomaz Pompeu em comunicar-lhe uma feição de sérios estudos regionais, hoje tão necessários, imprescindíveis ao progresso da sociologia, da economia, das ciências e das próprias letras nacionais.

Ali está o projeto de uma obra que seria monumental, com um plano de 33 capítulos distribuídos entre acadêmicos, versando na especialidade sobre o conhecimento atualizado do Ceará: Estrutura Física do solo; Clima e salubridade; Geologia; Flora e Fauna; Topografia; População; Povoamento; Emigração, Raças e Tipos; Língua, Costumés, Alimentação, Agricultura e Criação, etc...

Se é certo, como diz Fernando Azevêdo, citando Anatole France, se é certo que as ciências separadas das letras se tornam maquinais e brutas, as letras privadas da ciência são vãs, pois a ciência é a substância das letras.

Ninguém melhor do que o intelectual do Nordeste deveria compreender a necessidade perene dos conhecimentos científicos, afim de que pudessemos tratar não de descrever a fome, como se tem escrito infelizmente até hoje, mas de rasgar os caminhos da abundância.

Há necessidade de domar a antureza? Ninguém o fará sem um intensivo conhecimento do homem e do meio. Com segurança escreveu Renan em "L'avenir de la Science: "O grande reino do espírito não começará senão quando o mundo material estiver perfeitamente submetido ao homem". (21)

A UNIVERSALIDADE DO CONHECIMENTO EM FACE DE UMA CIVILIZAÇÃO DE ESPECIALISTAS

Há um aspecto que também nos dirá muito da eminência de Tomaz Pompeu. Este ainda advém de sua erudição, de sua cultura.

Josué de Castro, em seu recente livro, "Geopolítica da Fome", considera que um dos grandes obstáculos ao planejamento de soluções adequadas ao problema da alimentação dos povos é exatamente o pouco conhecimento que temos do problema em conjunto, como um complexo de manifestações simultaneamente biológicas, econômicas e sociais. Atravessamos a fase de uma civilização de especialistas, em que a cultura se fragmentou e o ensino universitário não mais se preocupa em

transmitir "uma imagem unitária do mundo". "Cada especialista da ciência agarra-se com unhas e dentes ao seu grão de poeira, virando-o e revirando-o sob poderosa lente de seu microscópio". (22) Surge então uma elite com a visão particularizada das coisas e culturalmente deficiente. Sucede a miopia política. É a invasão vertical dos novos barbaros segundo Rathenau. Daí a recente preocupação de corrigir o defeito de formação, para uma integral e mais humana recomposição da cultura.

A universalidade do conhecimento de Tomaz Pompeu ressurgiu e rebrilha então na curva histórica do passado, com um vigor e uma grandeza que não chegaremos a possuir jamais.

É que nesta civilização de comodismo monetário se processa assustadoramente aquela barbarização de que nos fala J. Huizinga, professor da Universidade de Leyden, que ele define como sendo um processo cultural pelo qual uma condição de alto valor, já obtida, vai sendo espedinhada e substituída por elementos de qualidade inferior.

O maior exemplo de barbarização, em nossa Província do Ceará, é sem dúvida o abandono cultural dos problemas da terra pelas elites dirigentes e pensantes. É, sobretudo, a marginalização progressiva dos que estudam, se rebelam e sonham!...

Ora, o abandono cultural dos problemas da terra revela atraso das elites atuais. Ai está um dos traços veementes de nossa fragilidade.

Por outro lado, os que estudam os nossos problemas econômicos e sociais permanecem marginalizados, sem tomar parte ativa na política e na administração pública.

Tem razão Djacir Menezes, quando escreveu: "Elites reflexivas e serenas, cheias de razão e bom senso, educadas na apreciação dos problemas humanos à luz do método científico", eis "o único caminho que resta em frente aos extremismos eletrizados de violência". (23)

Mas, sucede que os partidos políticos têm levado para as câmaras e congressos vultos apagados e inexpressivos, sem compreensão científica dos problemas regionais e nacionais.

UM CULTO E DIGNO REPRESENTANTE DO POVO

Tal não aconteceu em relação a Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, quando os vultos que representavam o povo no parlamento nacional eram frequentemente recrutados, entre os mais salientes pela cultura, na sociedade em que viviam.

A dispersão e descontinuidade dessa sociedade rarefeita, como observa Fernando Azevêdo, manifestava aquêste estado social de elites, "reduzidas em número e em qualidade, com algumas figuras de primeira grandeza, as quais eram como uma frágil casca de refinamento aplicada sobre corpos geográficos enormes, ainda elementares ou caóticos; pequenas aristocracias cultivadas, mas

cujo suporte humano não era senão um bloco primitivo, amorfo e mal talhado”.

As eleições em fins de 1878 levaram Tomaz Pompeu ao parlamento nacional, como deputado geral eleito por sua Província.

Recorremos às notas sôbre a sua vida, de acôrdo com apontamentos por êle deixados e publicados pelo Barão de Studart:

“Em 1878 Th. Pompeu era o deputado mais moço da Câmara, indo desde logo ocupar um dos lugares de secretário. A sua grande timidez e juventude no seio de uma corporação de homens provectos na política, como José Bonifácio, Afonso Celso, Dantas, José Liberato, Rui Barbosa, Martim Francisco, Lafayette, Martinho de Campos e tantas glórias nacionais, não animavam o jovem deputado cearense a discursar com segurança. Ao demais, êle nunca havia falado em público; mas o dever, a consciência de representar a tradição de um partido, a necessidade de erguer a voz em prol dos interesses de sua Província, forçaram-no a tomar a palavra mais de uma vez na Câmara, sendo mesmo, desde a primeira vez, cumprimentado pessoalmente por adversários políticos, como Ferreira Viana, um dos oradores influentes e de estilo literário mais castiço”.

“Organizado o ministério Saralva e posta em foco a reforma eleitoral, cuja discussão se procrastinou na Câmara até discutir-se à noite, mais de uma vez teve Th. Pompeu de presidir à sessão noturna, na falta do presidente, vice-presidente e 1º secretário. Era curioso vêr-se um rapaz quase imberbe presidir a um cenáculo tão importante”. (24)

Narra ainda o Barão de Studart que Tomaz Pompeu, quando iniciara os primeiros passos na Câmara, fôra solicitado por uma firma industrial fluminense no sentido de patrocinar a preferência da mesma na concorrência de serviços relativos à fundição de estaleiros marítimos. O jovem deputado não via inconveniente em preferir uma firma nacional a uma estrangeira em serviços do Estado. Era Ministro da Marinha o Dr. José de Lima Duarte, depois Visconde de Lima Duarte, muito amigo de Pompeu, o qual prometera ao mesmo formalmente confiar a tal firma os reparos de vasos de guerra.

Satisfeito com o propósito do Ministro da Marinha, o industrial dirigiu-se a Pompeu, dizendo-lhe que era praxe de sua firma recompensar os serviços de quem lhe promovesse benefícios, e, nêste sentido, já havia destinado cinquenta contos de réis para o deputado.

O fato se verificou por ocasião de um almoço no Royal Hotel. Tomaz Pompeu recusa enêrgicamente a oferta, levanta-se da mesa, toma um carro e vai ter com o Ministro, ao qual expõe com indignação o que acabara de ouvir, desligando Lima Duarte de qualquer compromisso para com o parlamentar.

* * *

No período de 1878 a 1886, em que foi eleito e reeleito deputado à Assembléa Geral Legislativa, tomou parte nas discussões dos Orçamentos da Fazenda e do Ministério da Agricultura, ocupando o seu trabalho, no ano de 1881, cêrca de 50 páginas dos Anais do Parlamento.

Conhecedor profundo dos problemas do Ceará e do Nordeste Sêco, açudagem, irrigação, estradas de ferro, economia agrícola e climatologia, demografia e educação, dêles tratou com paciência exaustiva.

Tomaz Pompeu tinha os olhos voltados para a sua terra. Vinha de uma geração idealista, mas agitava-se com realismo no tocante aos problemas regionais.

“Homens de educação abstrata, escreve Gilberto Amado, referindo-se aos políticos do Império, a todos faltava uma educação científica necessária à compreensão de um país que, mais do que nenhum outro, precisava de uma política construtiva; e quase todos eram levados a se preocupar mais com o aspecto do que com o fundo dos problemas”. (25)

O nosso Tomaz Pompeu não foi como a maioria daquêles legistas educados à abstrata, pois, descia à pesquisa e investigação científica para melhor estribar os seus argumentos.

Pregou sempre uma política construtiva e racional, marchando com objetivismo por entre os escolhos do preconceito e as ficções simplesmente decorativas.

UM DEFENSOR DO ENSINO AGRÍCOLA NO BRASIL, CONTRA A ROTINA DAS ANTIGAS ELITES

A sociedade liberal do Império Brasileiro, preocupada mais com as criações literárias e jurídicas do que com os problemas de vitalização econômica, não se interessava pelo ensino técnico-profissional.

A economia agrária, vivendo do latifúndio e do trabalho servil, permanecia indiferente à técnica, manifestando mesmo alguns líderes da política e da administração certa repugnância pelas profissões técnicas ou trabalhos físicos. Assim foi que o Liceu de Artes e Ofícios, instituição fundada em 1856, permaneceu na indigência.

Nascida entre desdêns, como escreveu Rui Barbosa, a sua lâmpada chegou a apagar-se temporariamente para o povo.

O desenvolvimento das ciências tornou-se, desde a segunda metade do século XIX, tão expressivo, que fez estender, na Europa e nos Estados Unidos, uma rede contínua de escolas técnicas, especialmente agrícolas.

A iniciativa das instituições profissionais de ensino técnico entre nós andou lentamente, tendo as primeiras escolas ou cursos de agricultura uma vida mui inconsistente, durante o Império.

Nota Luiz Amaral que os cursos de agronomia surgem praticamente na República.

Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, eleito deputado geral pelo Ceará, sagrou-se, nas discussões do orçamento do Ministério da Agricultura, um dos desbravadores de caminhos e de mentalidades, no tocante à instituição das escolas agrícolas. Bateu-se pela ampliação de dotações e recursos condignos às escolas então existentes e pela maior disseminação do ensino da agricultura, numa época em que alguns parlamentares o combatiam sistematicamente.

Um daquêles deputados chegou a declarar da tribuna que “nem o Estado, nem estabelecimento algum, podia, nem devia procurar ensinar agricultura prática”.

Na sessão de 31 de julho de 1880 travou-se entre Rodrigues Júnior e Tomaz Pompeu, quando na Câmara dos deputados se discutia o orçamento do Ministério da Agricultura, o seguinte debate, que é hoje um documento importantíssimo para estudos não só da biografia de Tomaz Pompeu, mas da mentalidade da época.

O Sr. Rodrigues Júnior: —

“Senhores: a questão do ensino agrícola, ministrado em escolas práticas ou fazendas-modêlo, idéia à primeira vista sedutora, oferece dificuldades mais sérias do que alguém talvez suponha”.

“Receio, Sr. Presidente, que depois de dispendios importantes, a realizar-se a idéia do honrado Ministro, na escala e proporções que S. Excia. deseja, em vista de esclarecimentos pedidos a alguns presidentes de província e de instruções que se lhes expediu, receio, digo, que não cheguemos senão a resultados negativos, ou resultados que não compensem os sacrificios feitos.

“Não tenho competência para dar opinião segura sôbre o assunto, e por isso mesmo, hei de, receloso, limitar-me a simples ponderações às quais, o nobre Ministro que me honra com a sua atenção, dará o valor que merecem; certo S. Excia. de que não tenho outro fim senão o de ajudá-lo em seu nobre empenho de auxiliar por todos os meios a nossa lavoura. “Nem o Estado, nem estabelecimento algum pode, nem deve procurar ensinar a agricultura”. É esta a minha convicção...”

“O Sr. Pompeu: — Esta proposição de V. Excia. está condenada nos países mais adiantados”.

“O Sr. Rodrigues Júnior: — E’ esta a minha convicção, devo externar com a maior franqueza, dizia, senhores, um dos homens mais notáveis dos tempos modernos, estadista tão consumado, como cidadão eminente e grande patriota, que era ao mesmo tempo um agricultor de profissão, o ilustre Conde de Cavour”.

“O Sr. Pompeu: — Era melhor diplomata do que entendedor destas coizas”.

“O Sr. Rodrigues Júnior: — Por que, dizia êle, a verdadeira e boa prática não se poderá achar nos estabelecimentos públicos; ela não se encontra senão nos estabelecimentos particulares, onde realmente se faz por profissão a exploração da indústria agrícola”.

“O Sr. Pompeu: — Não é muito procedente, se esta a razão que êle dava”.

“O Sr. Rodrigues Júnior: — Que, realmente, semelhante opinião, por mais absoluta que pareça, tem algum valor”.

“O Sr. Pompeu: — Tem valor pelo nome”.

“O Sr. Rodrigues Júnior: — Pelo menos o da autoridade de um grande nome, não de um teorista, mas de um homem de Estado”;

"O Sr. Pompeu: — Note V. Excia., que na própria Itália outros entenderam dever criar escolas agrícolas".

"O Sr. Rodrigues Júnior: — E em sustentação de sua tese, senhores, dizia o ilustre Conde a pergunta e ponderações seguintes: "o que é a agricultura? Uma arte industrial semelhante às outras, mas, muito mais obscura, tendo as outras, leis gerais mais precisas".

"O Sr. Pompeu: — Por consequência, o ensino de agricultura ainda é mais necessário".

"O Sr. Rodrigues Júnior: — (dirigindo-se ao Sr. Pompeu) — Feço ao nobre deputado que não me interrompa, estou expondo razões que não são minhas..."

Na sessão de 7 de agosto do mesmo ano, apenas uma semana depois do discurso de Rodrigues Júnior, Tomaz Pompeu vinha à tribuna da Câmara para discutir o assunto das escolas agrícolas com uma erudição já conhecida e respeitada no Parlamento.

Foi nesta ocasião que defendeu preliminarmente os princípios da escola liberal no tocante aos auxílios diretos à lavoura, dissentindo dos pareceres de eminentes representantes do Sul, que exigiam capitais para a lavoura latifundiária, com prejuizo para as pequenas províncias e perigosa aventura para os cofres públicos.

Apoiado por Sousa Andrade e outros parlamentares ilustres, assim falou:

"O Sr. Pompeu: — Parece-me que ainda nesta hipótese, se alguma parte do território brasileiro tivesse o direito de pedir auxílios diretos para a sua lavoura, seria o Norte, e especialmente as províncias pequenas, onde o numerário falta, onde a riqueza é muito menor, onde os capitais são escassos; e, entretanto, é justamente o contrário que se dá. Um dos meios, talvez o meio por excelência, seria facilitar o ensino agrícola.

Ouvi desta tribuna, meu nobre amigo e colega deputado por minha Província combater o ensino agrícola não só entre nós, como também em tese, em princípio".

"O Sr. Rodrigues Júnior: — Não apoiado, combati o modo de ser, de dar o ensino agrícola".

"O Sr. Pompeu: — Então, não o compreendi bem; mas V. Excia. não levou a bem que se dotasse no nosso orçamento o ensino agrícola de verbas especiais. Alguma coisa V. Excia disse a este respeito e citou a opinião de um ilustre estadista italiano, o Conde Cavour".

"Nos países em que a agricultura goza de vantagens e de certa importância, o ensino agrícola é realmente considerado e dotado nos orçamentos".

"Nos Estados Unidos não há menos de 20 escolas agrícolas superiores, às quais estão agregadas fazendas-modélo. Dentre elas, algumas gozam de grande nomeada. A Universidade de Ithaca, no Estado de New-York foi dotada com cerca de mil contos pelo Estado".

"O Estado de Massachusetts subsidia largamente a escola agrícola de Amherst, que recebeu de diferentes origens grandes quantias para a sua fundação".

"No Colégio Agrícola de Pensylvania, o ensino da agricultura é não só tratado nas suas relações científicas com a química e a fisiologia vegetal e animal e a zoologia, bem como uma ciência experimental, tendo seus métodos, seus meios objetos especiais de investigações".

"Os Estados de Iowa, Wesconsin, Kentuchy, Kansas, Malne, e Illinois, também possuem escolas agrícolas largamente dotadas pelo Estado".

"O Instituto Agrícola de Viena pode ser citado como um modelo. Na Rússia e outros estados do Império, existem escolas normais de agricultura, e às escolas primárias do campo estão geralmente anexas jardins, onde professores ensinam primeiros rudimentos de agricultura. Na Itália, atualmente, existem cadeiras de agricultura nas Universidades de Nápoles, Palermo, Messina e Catena..."

"Na Inglaterra, este ensino funciona desde 1826, tendo exercido grande influência sobre a agricultura".

"Na Noruega, além das multiplas escolas de agricultura, subsidiadas pelo Estado, existe uma Escola Central de Agricultura em Cristiana, fundada pelo Governo".

"A Suécia possuía 27 escolas práticas de agricultura em 1875. Ainda acima está a Academia Real de Agricultura, fundada em 1811 em Stockolmo".

"O Sr. Galdino das Neves: — No Brasil, não tem dado resultados práticos. A escola de Juiz de Fora tinha tudo, menos discípulos.

"O Sr. Pompeu: — Em resposta ao aparte do nobre deputado, eu peço licença para lembrar-lhe o tentame feito pela República Argentina".

"Em 1872 ou 1873, procurou criar duas escolas agrícolas teóricas e práticas, uma em Salto e outra, creio, em Tucuman.

Após dois anos, o Governo foi obrigado a fechá-las por falta de alunos. Por ventura cruzou os braços diante d'êste malôgro? Em vez de descrever do ensino agrícola, o Governo argentino tratou de concentrar seus esforços na Mendoza e criar uma nova e mais desenvolvida e prática em Santa Catalina... Portanto, Sr. Presidente, nesta parte, concordo plenamente com as idéas enunciadas pelo nobre Ministro da Agricultura no seu relatório".

"O Sr. Rodrigues Júnior: — Pelo que V. Excia. diz, vê-se que é problema muito difícil".

"O Sr. Pompeu: — Mas não impossível, e de resultados benéficos". (26)

Aí estão as palavras de um espírito combatente, de sua mentalidade iluminada de sabedoria, lutando contra as velhas muralhas da rotina, para abrir caminhos novos à Nação.

Foi um verdadeiro líder a defender e a ditar normas e princípios de política objetiva.

Em 1886, a pedido do Conselheiro Dantas e de alguns amigos, pleiteou eleições em segundo escrutínio. Eram estas, já então, uma tarefa difícil. Os candidatos eram obrigados a percorrer os vilarejos e colégios distantes, viajando a cavalo,

para visitar os eleitores em suas casas. Além disso, vinham as despesas, sempre vultosas.

Reeleito e tendo voltado à Câmara, foi a mesma dissolvida. Foi este um golpe que acabou por desgostar Pompeu de continuar a sua carreira política. Revela um seu biógrafo que o mesmo, "endiviado, por ter gasto nas eleições mais de sessenta e três contos, resolveu então dedicar-se à indústria, fundando com o seu irmão Antônio Pompeu e o Dr. José Acióli a primeira fábrica de fiação e tecidos no norte do Brasil". (28)

GESTOS DE REBELDIA CÍVICA. A POLIANTÉIA DE 5 DE DEZEMBRO DE 1899.

Proclamada a República, Tomaz Pompeu não mais voltou à política. Permaneceu monarquista, embora fôssem amplas as suas possibilidades na Província.

Continuou a sua vida como um estudioso, segregado do vulgo, embora em contacto com as elites.

É que ele sempre foi um aristocrata do pensamento.

As idéias liberais, embora estremecessem com arrôjo no seu espírito não vingaram de modo a conduzi-lo até a planície onde estava o povo.

Numa sociedade em que os partidos inconsistentes representavam choques e dissensões de interesses mesquinhos, é claro que só se mantinham na política os que tivessem a coragem de renunciar os ideais de doutrina, para se amoldarem às conveniências da estrutura dominante.

Timbrou em manifestar a sua rebeldia cívica, apontando os erros de República, desmascarando a demagogia dos que resvalavam sempre no servilismo político, nas arbitrariedades de mando e na corrupção.

Por isso, quando professor da Escola Militar, os jovens cadetes irreverentes em matéria de política, recebiam o mestre que se aproximava com aclamações de — fora a Monarquia e viva a República. Mas ele, sem temor, passava sereno por entre as filas de estudantes, entrava no salão de aula e ministrava as suas lições de geografia com aprumo, elegância de método e cultura ante a qual todos depunham as armas, ouvindo atentos e respeitosa-mente as preleções.

A 5 de dezembro de 1899, por ocasião de um aniversário da morte de D. Pedro II, Tomaz Pompeu escreveu na Poliantéia dedicada ao grande brasileiro um artigo, que, mal compreendido e interpretado, deu lugar à sua prisão a 16 de dezembro de 1899, sendo recolhido, por ordem do General Artur Oscar, ao quartel do 2º Batalhão de Infantaria. A notícia abalou a cidade, tendo Rui Barbosa requerido *habeas-corpus* em seu favor ao Supremo Tribunal.

O artigo que revela o espírito cívico e rebelde de Tomaz Pompeu é uma página de ouro lançada num dardo de aço. Revivamos alguns tópicos em sua homenagem.

"Ruíram cidades e impérios, desapareceram do cenário social povos aureolados pela fama subida de seus feitos, mas as multidões caprichosas, possuídas dos entusiasmos espontâneos de um dia e de longas e duradouras decepções, conservam hoje a feição móbil das demagogias atenienses, que exornavam de lauréis a fronte

dos alcibiades e logo após inscriviam-lhes os nomes nas ostras que os roubavam à patria e aos direitos de cidadãos.

.....
"Foi por esquecer que governar é observar, é prever, comparar, abnegar-se, e por ventura sofrer; que o encadramento dos fatos humanos não se rompe como se cambia uma cena teatral; que a razão pura, os princípios absolutos são, como dizia Maudslay, semelhantes a virgens belas porém históricas; foi por essa errônea concepção que a República condenou-se no nascedouro à vida arrastada de expedientes inglórios, violentos e corruptores..."

"Em dez anos o País ficou farto de experiências, de erros e desatinos..."

"As indústrias fabris caíram sob a tutela oficial em existência atribulada, incerta, à marcê de tarifas incoerentes; a lavoura, apertada pela carestia de salários, de fretes e de impostos, recebeu o contra-golpe dos erros econômicos de administradores incompetentes, volvendo-se debalde para a entidade que, tendo ab-servido sob as formas variadas da tributação as suas economias, entregou-se exangue, escarnecida aos azares da fortuna; o comércio retraiu-se medroso ou aventurou-se sem previsão, às variantes cambiais, na incerteza do bom êxito de suas tranzações..."

E concluindo:

"Sirva a memória do grande morto, D. Pedro II, cujos despojos repousam em terra estranha, de conforto aos que amam sinceramente a Pátria e de esperança aos que crêm ser efêmeros os eclipses e lapsos de um povo". (29)

Eis o célebre artigo, vazado no elegante e erudito estilo da época, um documento para a história, uma advertência extensiva aos dias que correm.

MENSAGEM DE UMA CULTURA AS NOVAS GERAÇÕES

Concluindo o discurso de sua posse como sócio efetivo do Instituto do Ceará, que se verificou a 18 de março de 1889, Tomaz Pompeu, confessando as preferências do seu espírito para as ciências e especialmente aquelas que concorrem para a produção da riqueza, para o progresso das técnicas que levam indiretamente ao conforto e felicidade humana, deu-nos uma doutrina eficiente e objetiva, com estas palavras:

"A história é o passado mais ou menos longínquo, é a sensação que se transformou, a lembrança que se vai apagando da memória".

"A natureza, que amortece a impressão e transmuda as sociedades, parecer criado entre o homem atual e as eras mortas uma barreira invencível, forçando-o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de épocas distantes, perdidas no passado".

"Há muito que fazer para aperfeiçoar as armas de combate com que os lutadores de hoje disputam as migalhas da vida; não é ao passado longínquo que iremos pedir lições; é na observação e nas experiências dos nossos contemporâneos que precisamos aprender".

“As indagações estéreis ou simplesmente deleitáveis devem ceder precedência à ciência da vida e à do homem como ser social”. (30)

O Conhecimento científico da terra e do homem é um impositivo da civilização. É chave que abrirá a porta que dá acesso aos recursos naturais.

As novas gerações, com as suas impressões transmudadas ou amortecidas em relação ao passado, encontrarão em Tomaz Pompeu um exemplo de dedicação aos problemas do seu povo. Um exemplo que lhes é necessário para despertar o elan vital, capaz de fazer com que elas encarem o presente e olhem para o futuro, continuando a tarefa do imortal lutador.

As dúvidas filosóficas do seu espírito não lhe atiravam nalma o desespero ou pessimismo sombrio.

Um dia, querendo êle dar uma lição de otimismo, escreveu uma página de crítica literária sobre a poesia popular de Juvenal Galeno, para “reviver na memória dos moços o nome do velho bardo aureolado pelas musas e louvar-lhe aquêlo melodioso cantar que não desespera da vida, não chora, nem se lamenta de infortúnios”.

O grande pensador cearense foi um audaz mergulhador que, no mar do absoluto e do intangível não encontrou a sua pérola, mas, sem desesperar na angústia, curou da multiplicação de pães e de pelxes.

São dêle ainda estas palavras que nos lembram graves meditações do espírito:

“Não sabemos ainda hoje e talvez nunca a ciência nos possa desvendar o mistério de nossa passada existência no seio do infinito, nem penetrar os arcanos dêsse eterno futuro, cujas soleiras transpomos desde o momento em que a luz nos fere a retina”. (37)

Tomaz Pompeu, como expressou José Sombra, “não foi um filósofo, mas um crítico de idéias, com grande personalidade e, às vezes, com fina penetração: se não criou discípulos, a sua obra valiosa em todos os sentidos, ficará como uma força de sugestão, como um exemplo fecundo aos moços que não quizerem se parasitar na triste rotina da nossa vida pública”. (32)

Estamos parados. Precisamos caminhar. O povo está cansado a procura de guias. Falta à mocidade quem lhe agite o sangue e lhe inspire uma consciência cívica, encaminhando-a para a luta.

Ao tombar um século da existência dêste idealista que foi Tomaz Pompeu de Souza Brasil, convém pensar sobre êste versículo do salmo XVIII”. Um dia diz uma palavra a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite”.

Aprendamos, na noite do passado, a lição do Mestre, lição cujo conceito emerge daquêle pensamento de Spinoza, lembrado por Farias Brito: “a sabedoria o pensamento da vida, não da morte”.

BIBLIOGRAFIA

I — Autores citados

- 1) Camões, Luiz de. "OS LUSÍADAS".
- 2) Rodolfo Teófilo. "O Ateneu Cearense". Almanaque do Estado do Ceará, para o ano de 1922", pág. 500.
- 3) Barão de Studart. "Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, notas sobre a sua vida". Apanhado feito de acôrdo com apontamentos por êle deixados e entregues ao Barão de Studart por sua Exma. Família. In Revista Trimestral do Instituto do Ceará — Fortaleza. Tip. Minerva. T. Esp. Ano de 1929. Pág. 12.
- 4) Idem. Op. pág. 12 a 13.
- 5) Idem Op. cit. Discurso do Dr. Tomaz Pompeu. pág. 48
- 6) Lima, Rocha. "Crítica Literária", pág. 99.
- 7) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Op. cit. pág. 51
- 8) Sombra, José. "A Figura de Um Pensador" In Rev. Trimestral do Instituto do Ceará. T. Especial. 1929. Pág. 67.
- 9) Sombra, José. Op. cit. pág. 67.
- 10) Farias Brito. "Homens do Ceará". In Revista da Academia Cearense. 1896.
- 11) Burns, Edward Macnall. "História da Civilização Ocidental".
- 12) Farias Brito, op. cit.
- 13) Andrade Furtado. Vide "O Nordeste" de 8 de abril de 1929.
- 14) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Vide discurso por ocasião do seu jubileu literário In Rev. do Instituto do Ceará, T. Esp. ano de 1929, pág. 50.
- 15) Sobrinho, T. Pompeu. "As Lições de Geografia Geral e a evolução do ensino geográfico no Brasil". Rev. Tr. do I. do Ce. 1929 T. Esp. pág. 10 a 79.
- 16) Farias Brito, op. cit.
- 17) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Discurso do Jubileu literário. In Rev. cit. pág. 53.
- 18) Carta de Tomaz Pompeu a Afonso Celso. Inédita. Arquivo da Casa de Tomaz Pompeu.
- 19) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. "O Ceará no Comêço do Século XX. Vide o Prefácio.
- 20) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. "O Ceará no Centenário da Independência, vol. II.
- 21) E. Renan. "L'Avenir de la Science" pág. 20.
- 22) Castro, Josué de. "Geopolítica da Fome".
- 23) Meneses, Djacir. "As elites agressivas" pág. 247.
- 24) Apontamentos apud Rev. Trim. do Inst. do Ceará, pág. 16 a 19.
- 25) Amado, Gilberto. In "Cultura Brasileira", de Fernando de Azevêdo.
- 26) Anais do Congresso Nacional 1880 a 1884.

- 28) Apontamentos, op. cit. In Rev. Inst. Ce. pág. 20.
 29) Vide a Pollantéla de 5 de dezembro de 1899.
 30) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Vide Discurso de 12 de março de 1899. Rev. Trim. do Inst. do Ce. T. Esp., pág. 86.
 31) Tomaz Pompeu de Sousa Brasil op. cit.
 32) Sombra, José. Op. cit. pág. 68.

II — OBRAS CONSULTADAS

a) OBRAS DE TOMAZ POMPEU DE SOUSA BRASIL

- 33) "Comércio e Indústrias no Ceará" — Apenso ao Relatório do Presidente Barradas — 1885
 39) "Fiscalização do Ensino Primário" — Memória apresentada ao Presidente da Província do Ceará, na qualidade de Diretor da Instrução Pública — 1885
 35) "Assistência Pública" — Relatório de sua administração, como Vice-Presidente que sucedeu ao Presidente da Província Henrique d'Avila — 1889
 36) "População do Ceará" — Rev. do Inst. Ceará — anos de 1889-1890
 37) Discurso proferido na sessão de 12 de março de 1889, por ocasião de sua posse de sócio efetivo no Instituto do Ceará — Rev. do Inst. do Ceará 1889
 38) "Dualidade das Câmaras Legislativas" — 1889.
 39) Vantagens dos trabalhos de irrigação no Ceará — Fortaleza — 1892
 40) "Rápida notícia sobre o Ceará", (destinada à Exposição de Chicago, — Tip. d'A República — 1893
 41) "Memoria sobre o plantio da Maniçoba" — Tip. Studart — 1893
 42) "As vantagens da irrigação por meio da barragem do boqueirão de Lavras" — 1894.
 43) Lições de Geografia Geral" Tip. Universal — Fortaleza — 1895
 44) "Importância da vida humana como fator da riqueza". O desenvolvimento da população de Fortaleza. Sua natalidade. Taxa excessiva desta — Rev. da Acad. Cearense — 1896
 45) Análise dos diferentes sistemas de esgotos". Monografia lida frente à Academia Cearense. — in Revista da Academia Cearense — 1897
 46) "Discurso lido frente à Academia Cearense, na sessão magna do 1º Aniversário — Rev. da Academia Cearense — 1897
 47) Os feitos benéficos das medidas higiênicas e especialmente dos esgotos — Revista da Academia Cearense — 1897
 48) Relatório da Associação Comercial do Ceará — Apresentado na sessão da Assembleia Geral Ordinária de 10 de Dezembro de 1899, pelo Presidente da mesma Associação, Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil — Tip. Universal — Fortaleza — 1899
 49) "Imigrações no Ceará" — Rev. da Academia Cearense — 1902
 50) "Os supostos terrenos artezanos do Cocó" — Rev. da Academia Cearense — 1902

- 51) "Memória sobre a cultura da cana de açúcar no Ceará" Apresentada ao Congresso Americano de Recife, por parte da Associação Comercial do Ceará — 1904
 - 52) "Prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité" — Série de artigos sobre o melhor traçado para o Crato — publicados no jornal "A República" — 1905
 - 53) "Relatório apresentado ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior, José Pompeu Pinto Acioli, na qualidade de Diretor da Faculdade Livre de Direito do Ceará — Tip. Litografia — Fortaleza — 1950
 - 54) "A propósito das Formações quaternárias do Ceará" — Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza 6º 3, ano I — 1905
 - 55) "Relatório Apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, José Pompeu Pinto Acioli, na qualidade de Diretor da Faculdade Livre de Direito do Ceará" — Tip. Lit. — 1907
 - 56) "Ceará no Começo do Século XX" — Tip. Litografia a pavor — Fortaleza — 1909
 - 57) "O Problema das Sêcas no Ceará" — Rev. da Acad. Cearense — 1908
 - 58) "Ensino Superior no Brasil e Relatório da Faculdade de Direito do Ceará, nos anos de 1911 e 1912" — Tip. Minerva — Fortaleza — 1909
 - 59) "Discurso pronunciado a 24 de Agosto de 1913, na pedra fundamental do monumento a Pedro II, em Fortaleza, in "O Imperador e os Cearenses" — Tip. A. C. Mendes — 1914
 - 60) "Trechos do livro "O Ceará no princípio do Século XX" — Rev. do Inst. do Ceará — 1915
 - 61) "Mme. AcKermann" — Almanaque do Ceará — 1918
 - 62) "João Camara" — (Recordações) — Almanaque do Ceará — 1920
 - 63) "Um episódio deplorável de nossa história" — Almanaque do Ceará — 1922
 - 64) "Discurso pronunciado na sessão comemorativa do 1º Centenário do Jornalismo Cearense" — Rev. do Inst. do Ceará — Tomo Esp. 1924
 - 65) "José Martiniano de Alencar — "O homem e o homem de letras" — 1929
- b) LIVROS E TRABALHOS DE AUTORES DIVERSOS**
- 66) Catunda, Hugo — Discurso pronunciado como Orador da Academia Cearense de Letras, por ocasião do Centenário de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil
 - 67) Carvalho, Rodrigues de — "Ceará Literário" — Tip. Studart — Fortaleza 1899
 - 68) Barão de Studart — "Dicionário Bio-bibliográfico Cearense, Vol. 3º Págs. 146 - 150
 - 69) Sobrinho, Tomaz Pompeu — "As Lições de Geografia Geral e a evolução do ensino geográfico no Brasil". Tomo Esp. cit. 1929 — Págs. 73-79
 - 70) Costa, Heribaldo Dias — Alocução na Assembleia Legislativa — Tomo Esp. cit.
 - 71) Galeno, Dra. Henriqueta — Discurso pronunciado por ocasião do enterro

do Dr. Tomaz Pompeu

- 72) Sá, Dr. Francisco de. Discurso pronunciado no Senado Brasileiro, como representante do Ceará — 1929
- 73) Montenegro, Abelardo F. — “Soriano de Albuquerque, Pioneiro da Sociologia no Brasil” — 1953
- 74) Souza, Euzebio de — “Meio Século de Existência” — Subsídio para a História do Instituto do Ceará — 1937 — Tipografia Minerva — Assis Bezerra — Ceará — Fortaleza
- 75) Girão, Raimundo — História Econômica do Ceará
- 76) Barreira, Dolor — História da Literatura Cearense — 1948
- 77) Menezes, Djacir — “A Educação no Ceará — Repasse Histórico Social das origens coloniais a 1930. Apud — “O Ceará” de Raimundo Girão e Antonio Martins Filho
- 78) Filho, Cruz. “O Ceará (Síntese Histórica), apud “O Ceará” cit.
- 79) Julio, Silvio — “Terra e Povo do Ceará” 1936.
- 80) Souza, José Bonifácio de — “Glória do Ceará — Discurso pronunciado na Casa de Tomaz Pompeu, em nome do Instituto do Ceará, na noite de 30 de junho de 1952 — Unitário — N. 11.202 de 15 de julho de 1952.
- 81) Furtado, Andrade — “Tomaz Pompeu” — Discurso proferido no dia 30 de junho, centenário do nascimento do Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, em sessão solene da Faculdade de Direito do Ceará — Unitário N° 11202 15 de Julho de 1952
- 82) Arraes, Raimundo do Monte — “Estudo sobre Tomaz Pompeu de Sousa Brasil”
- 83) Andrade, Francisco Alves de “Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Uma mensagem de Cultura às Novas Gerações” (Estudo lido na Casa de Juvenal Galeno, no dia 29-6-52, em solenidade comemorativa do Centenário de Tomaz Pompeu — Unitário numero citado.
- 84) Anônimo — Origem da Rede de Viação Cearense e seu desenvolvimento até o presente — O nome de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil ligado à História da Rede Ferroviária de nossa terra in Unitário N. 11.202 de 15-7-52 pág. 3.
- 85) Matos, R. Gomes de — Agradecimento da Família de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil (na Casa de Juvenal Galeno) — In Unitário N° 11.202 pág. 5
- 86) Nascimento, Faustino de — “Tomaz Pompeu de Sousa Brasil” — Discurso pronunciado na solenidade de 30-6-1952, na Casa de Tomaz Pompeu
- 87) Matos, R. Gomes de — “Morto parece maior que vivo” — Discurso pronunciado a 30 de junho de 1952, na Casa de Tomaz Pompeu, em nome da família do ilustre cearense
- 88) Lopes, J. Stenio. “Tomaz Pompeu, homem de estudos” — In Unitário N° 11.203 de 16 de julho de 1952 ,
- 89) Neto, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, — “Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, pioneiro da produção de tecidos no Norte do país”, — Entrevista Concedida

- ao Unitário nº 11.203 — de 16 de julho de 1952
- 90) **Nogueira, Lauro** — No Centenário de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil
--- In Unitário Nº 11.203 de 16 de Julho de 1952
- 91) **Filho, Cruz** — Tomaz Pompeu — In Unitário n. citado.
- 92) **Castelo, Plácido Aderaldo** — Discurso como orador oficial na solenidade comemorativa do Centenário de Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, promovida pela Associação Comercial, na noite de 11 de julho de 1952 — Unitário N. 11.211 de 18 de julho de 1952
- 93) **Andrade, Dep. Morizé de**, Assembleia Legislativa e o Centenário de Tomaz Pompeu” In Unitário N. 11.211 de 18 de julho de 1952
- 94) **Lopes, J. Stenio** — “Casa de Tomaz Pompeu — um Centro de estudos para as novas gerações”. Unitário N. 11.210 de 17-7-52
- 95) **Cavalcanti, Deputado Walter Sá** — Discurso na Câmara Federal — In Unitário cit. de 17-7-52.